

**A INVENÇÃO DA PAULISTANEIDADE:
“DA CIDADE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO” A “UM SÓ CORAÇÃO”
(SÃO PAULO – 1954 E 2004)**

Maria Izilda Santos de Matos – PUC/SP

Nessa investigação busca-se questionar o processo de “invenção” da paulistaneidade, tendo como foco de análise comparativa dois momentos emblemáticos de celebrações na cidade de São Paulo: 1954 e 2004.

No ano de 1954, São Paulo comemorou seu IV Centenário, dando tom às festividades escolhia-se como *slogan* "São Paulo - a cidade que mais cresce no mundo", frase síntese do ufanismo paulista forjado na perspectiva das noções de progresso, moderno e trabalho. Nas comemorações dos 450 anos, em 2004, o lema assumido foi outro: “Um só coração”. Sem perder as referências à modernidade, passou-se a destacar a cidade enquanto metrópole global, as celebrações buscaram destacar as referências de São Paulo como “sociedade de acolhimento” de diferentes imigrantes e migrantes.

Trajatória histórica: a busca do moderno na Paulicéia Desvairada

Na sua trajetória e de forma antropofágica São Paulo destruiu grande parte do seu referencial material, alterando seu plano físico definitiva e desoladoramente, tornando praticamente impossível recuperar vestígios da vila colonial de taipa de pilão ou do “burgo dos estudantes”, para onde os jovens se deslocavam de todos os pontos do Brasil para cursar Direito na Academia do Largo São Francisco.

A chegada dos trilhos da Santos-Jundiaí (1863) dinamizou o “vetor modernizador” na cidade, que se generalizou como uma aspiração, particularmente nos seus gestores. Nas administrações do Conselheiro Antônio Prado (1899-1910), do Barão Duprat (1911-14) e Washington Luís (1914-19), as intervenções concentraram-se na área central, pretendia-se aproximar a cidade dos modelos europeus, novos prédios públicos, avenidas largas e

regulares, jardins elegantes, remodelação da Praça da República e Jardim da Luz, dos vales do Anhangabaú e do Tamanduateí.

Nos anos de 30 e 40, a cidade ganhou impulso; ao crescimento acelerado e à emergente vocação industrial somou-se o caráter metropolitano, o ritmo intenso de atividades, os investimentos imobiliários, possibilitando novas edificações, “a cidade de um edifício por hora”. Os planos de intervenção urbana, orquestrados nas gestões de Fábio Prado (1935-38) e Prestes Maia (1938-45), remodelaram a cidade, priorizando as soluções organizadas pelo Plano de Avenidas, assentado nos princípios: centralização, expansionismo, verticalização e rodoviarismo.

Já os anos 50 foram caracterizados por uma certa euforia, a cidade conviveu com a aceleração da industrialização, penetração do capital estrangeiro, modernização da produção, ampliação dos bens de consumo. A cidade tornava-se mais veloz, um novo território: cheio de carros, ônibus, caminhões, buzinas, sons e odores, o ritmo acelerado dos transeuntes, a pressa, a falta de tempo, os novos magazines e galerias, os modernos arranha-céus, assumindo como emblema o slogan “a cidade que não podia parar”.

No ano de 1954, a cidade comemorou seu IV Centenário, de forma emblemática e dando tom às festividades escolhia-se como *slogan* "São Paulo - a cidade que mais cresce no mundo", frase síntese da paulistaneidade, contendo a exaltação ao progresso, marca de ufanismo num quadro de apologia das conquistas, triunfos e glórias dos paulistanos.

O IV Centenário de São Paulo (1954) e a invenção da paulistaneidade

As comemorações instigam as discussões da cidade enquanto lugar de memória, seus usos e manipulações, as hierarquias das lembranças, as ordenações do passado, os esquecimentos e ocultamentos, as representações do presente e as projeções do futuro, as buscas de assegurar um lugar na História. Carregado de conteúdos emocionais e forças simbólicas, nesses momentos de comemorações se forjaram, exploraram, atualizaram,

apropriaram e reordenaram as memórias da cidade, produzindo enunciados e construindo sentidos, pleno de referências de poder, usando do passado como um campo de disputas.

Em 1951, foi criada a Comissão do IV Centenário uma autarquia encarregada pela organização das comemorações. Encabeçada por Ciccilo Matarazzo em grande parte da sua trajetória, a Comissão teve várias composições, formada por figuras da indústria e comércio, políticos, intelectuais, escritores, clérigos, entre outros. Sua missão era de elaborar um plano geral das comemorações, propagandear as atividades, organizar os fundos necessários e decidir sobre as festividades.

Entre as várias propostas surgidas na trajetória da Comissão, nem todas foram implementadas devido às dificuldades, inclusive de verbas. Na pauta final, incluíram atividades iniciadas desde 1953 (II Bienal de Arte e Arquitetura) e por todo o ano de 1954. Tratava-se de eventos culturais (exposições artísticas e históricas, grandes espetáculos de música, dança, teatro), esportivos (Torneiro de futebol, grande prêmio no Jockey Club) e científicos (congressos e simpósios de diferentes áreas), desfiles (militares, estudantes, cívico-popular), concursos (desenhos, bandas e fanfarras, história, literatura), inaugurações (Catedral, do parque monumento do Ibirapuera), banquetes, bailes, serenatas, shows, celebrações religiosas, feiras de exposição das indústrias e do comércio. Não faltaram os toques de sinos, sirenes, queima de fogos e a famosa Chuva de Prata de pequenas flâmulas prateadas.

Entre os pontos centrais das ações da Comissão encontrava-se a propaganda, que se tornou um elemento chave na busca de divulgar a comemoração, criar um clima celebrativo, buscar adesões, contagiar, envolver e estimular à participação. Para tanto a propaganda oficial atuou, através de cartazes, divulgando a programação em vários jornais e periódicos na capital, em outras 85 cidades de 25 estados, também envolveram as rádios e as emissoras de TV.

Na imprensa cresceram as propagandas do setor privado que incorporavam as referências ao IV centenário. Buscava-se a empatia dos possíveis consumidores e o consumo como uma fórmula de participar das celebrações. Eram vários os anúncios, como os das Casas Paiva que se apropriavam do discurso ufanista.

São Paulo cidade-dínamo do presente, berço de desbravadores, terra de realizadores que tanto lutaram e lutam pela grandeza da pátria, teu futuro é majestoso e todos os que têm a ventura de viver em teu solo amigo sentem-se orgulhosos vendo tanta pujança e progresso após quatro séculos de gloriosa existência! SALVE SÃO PAULO! SALVE BRASIL! IV CENTENÁRIO DA CIDADE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO.(Folha da manhã, 24 e 25 de janeiro de 1954).

O cenário: o parque do Ibirapuera

As celebrações, comemorações são portadoras de sentido, permitindo perceber as construções do passado e também materializando a memória em espaços eleitos - “lugares da memória”: - o Parque Monumento do Ibirapuera. Ele “foi destinado a perpetuar a grandeza da data do IV Centenário de São Paulo”, um cenário das celebrações, um monumento da moderna arquitetura de Niemeyer e paisagismo de Burle Max, aliados a engenharia de ponta das construtoras paulistas.

As linhas de Niemeyer desenharam uma marquise sinuosa ligando os prédios: Palácio das Indústrias, Palácio das Exposições, das Nações e dos Estados; em separado o Palácio da Agricultura, o planetário e diferentes stands da várias empresas, entremeados por jardins e lagos. Compunham o conjunto o monumento às Bandeiras, obra de Victor de Brecheret (inaugurado em 25/1/1953) e o Obelisco/Mausoléu ao Soldado Constitucionalista (cujas construção iniciada em 1946, só finalizado, em 1960). Na entrada principal do parque, o projeto contemplava a espiral, que deveria se tornar um monumento à memória da grandiosidade de São Paulo, numa altura de 17 metros.

Essa espiral foi escolhida como símbolo oficial, o logotipo das comemorações, que pretendia sintetizar as aspirações dos paulistanos. Partindo de uma base inferior e sólida

e apontando o alto, em seu movimento e ritmo ascensional projetava o progresso e futuro promissor, antecipando um fim a ser alcançado.

Sentidos da Comemoração: bandeirante, trabalho e progresso

Os significados e re-significados dados ao passado constituíram-se em instrumentos de construção e hierarquização de poder, controlado por “guardiões da memória” (a Comissão do IV Centenário), que buscaram edificar uma imagem homogênea do passado glorioso alicerçada na bravura e coragem do bandeirante.

Bandeirante foi o mito eleito, como marca do espírito paulista. Destacava-se que com seu pioneirismo, tenacidade e coragem, esse “herói desbravador” deu sentido a nacionalidade, seu ímpeto de expansão viabilizou a grandeza territorial e a riqueza da pátria, seus herdeiros mantinham “seu espírito, iniciativa, valentia e arrojo”. Ao adjetivar São Paulo de “capital bandeirante” e seus habitantes de “raça bandeirante”, como a “verdadeira herdeira dos bandeirantes”, buscava-se valorizá-la como capital econômica e industrial, recebendo os qualificativos: resistência, força, energia, liderança e credibilidade.

Se no passado o bandeirante foi responsável pelo desenvolvimento e riqueza da nação, esse destino se mantinha nas mãos das indústrias, capazes de gerar o progresso e um modelo para o país. Abria-se mão da nobiliarquia para valorizar o empreendedorismo capitalista e os industriais, como os “bandeirantes do momento”.

Também se destacava entre as virtudes dos paulistanos, sua capacidade de trabalho e dinamismo - “São Paulo, terra de gente trabalhadora”, na apologia ao trabalho ele aparece como símbolo de civismo, sucesso, grandeza e progresso. O progresso tinha como seu elemento de ação - o trabalho, articulava-se a produtividade, ao ritmo acelerado de vida e a modernidade. Reforçava-se a identificação da cidade com o progresso, a memória era construída numa espiral evolutiva, do passado para o futuro pleno de grandiosidade e progresso, constitui o discurso da “cidade que mais cresce no mundo, veloz, fabulosa, maravilhosa, dinâmica, caminhando sempre para frente e para o alto numa

incessante febre de progresso com um grande lugar de destaque entre as maiores nações do mundo”.

Assim, a “invenção” da paulistaneidade assumia o tom ufanista e tinha o propósito, transformar a cidade em um exemplo para a nação – “sua locomotiva”; era a oportunidade consolidar sua liderança econômica e de ampliar e impulsionar a hegemonia paulista no cenário nacional. Se os pólos irradiadores dessa construção eram os poderes constituídos, com destaque para a Comissão IV Centenário, o processo de circularidade foi intenso, a adesão poderia ser observada através das plaquinhas nas portas das casas, ou com o sucesso da Canção do IV Centenário, de autoria de Mario Zan:

São Paulo, terra amada,/Cidade imensa, de grandezas mil!
És tu, terra adorada,/Progresso e glória, do meu Brasil!
Ó terra, Bandeirante, de quem se orgulha, a nossa nação!
Deste, Brasil gigante,/Tu és a alma e o coração!

Salve o Grito do Ipiranga,/Que a história consagrou!
Foi em ti, ó meu São Paulo,/Que o Brasil, se libertou!
O teu IV Centenário,/Festejamos com amor,
Teu trabalho fecundo mostra,/Ao mundo inteiro teu valor.

Ô linda terra de Anchieta/Do bandeirante destemido
Um mundo de arte e de beleza/Em ti tem sido construído
Tens tuas noites adornadas/Pela garoa em denso véu
Sobre os teus edifícios/Que até parecem chegar ao céu.

Em 1954, a “invenção” da paulistaneidade foi forjada na perspectiva do progresso, do trabalho, da ordem e do moderno, sob os signos das chaminés e dos arranha-céus, pressupondo certas construções do passado: a fundação da vila pelo jesuíta José de Anchieta, o palco da independência, elegeu-se como mito o bandeirante, identificando-os como “heróicos paulistas que desbravaram os sertões e construíram a grandiosidade do território nacional”. Percebe-se nesse processo como as representações foram largamente divulgadas, subjetivadas e até naturalizadas, também pela tradição historiográfica paulista que por muito tempo privilegiou a temática da indústria, do trabalho, dos trabalhadores e de seus movimentos.

2004/450 anos: Por um só coração

De 1954 até hoje, constitui-se uma grande distância entre essas “duas

idades”. A “cidade que mais cresce no mundo” hoje já não cresce tanto, nela convive miséria e riqueza, tornando-se incapaz de equacionar os problemas do crescimento desordenado. Assemelhando-se as cidades-mundo centraliza a grande parte dos empregos mais bem remunerados do país, é o centro econômico e financeiro, a conexão da economia nacional com o resto do mundo e ainda plena de oportunidades e convive com o processo de “desindustrialização” e perda da qualidade ambiental urbana e a de vida.

As comemorações dos 450 anos se arrastaram por todo o ano de 2004, envolvem múltiplas e variadas atividades: shows, paradas, exposições, etc. A metrópole global elegeu com marco de memória a segunda fundação da cidade (1870), tendo como monumento eleito a Estação da Luz, a conexão ferroviária foi o início da cidade mundo, dinamizando um “vetor modernizador” sobre a cidade, memória privilegiada para a cidade de hoje.

Nas celebrações dos 450 anos foram deixadas de lado as imagens ufanistas do Quarto centenário: bandeirante, locomotiva, aspiral. Para uma cidade sem rosto, buscou-se como símbolo: um coração. O Símbolo eleito foi um coração, sob o fundo negro, um coração em vermelho composto pelas letras S e P, envolvendo o número 450, abaixo a palavra anos (as cores da cidade), por fim, a frase chamamento “Declare seu amor à cidade”, uma cidade que tem necessidade de ser amada, essa declaração com muitas formas e possibilidades de manifestação.

Todas as simbologias do coração apareceram nesse processo: coração que é o centro das sensibilidades: amor e acolhimento, ou o coração, que apesar dos 17 milhões, sempre cabe mais um; cabe tudo e todos: diferentes etnias, credos e origens, de todas as posturas políticas e estéticas. Assim, a cidade se assume como múltipla e sem rosto, mas com o coração dos que optaram em viver nela, migrantes e imigrantes, buscando o convívio da diversidade, num território marcado pela heterogeneidade.

As múltiplas cidades na cidade, as cidades clandestinas, os interstícios, bolsões de exclusão, o “avesso do avesso”, a opressão e a expansão; ela é gigantesca tanto na

pobreza, como na riqueza, na beleza e velocidade, na crueza urbana, constituindo-se numa Metrópole em trânsito, paisagem mutante de demandas insatisfeitas.

Cidade do punk rock e do hip hop, do pulsar de sons e buzinas a esmo, imagens do trânsito e congestionamentos, tensão da espera e impaciência. Cidade de complexidades, é segregacionista, está sempre criando novas espacialidades, opondo centro-periferias, gerando o declínio do espaço público com mudanças nos padrões de interação social, territorializando desigualdades, privilegiamento e exclusão, que amplia os enclausuramentos.

As cidades constituem-se em territórios que condicionam múltiplas experiências pessoais e coletivas. Sob a cidade fisicamente tangível descortinam-se cidades análogas invisíveis, multiplicidade de histórias e memórias: a cidade dos antepassados, dos heróis e/ou dos vilões, dos donos do poder, de ontem e de hoje; a cidade dos eruditos e dos historiadores, dos urbanistas, planejadores, tecnocratas, dos habitantes; a cidade sonhada, a cidade das greves, das festas, das comemorações e múltiplas outras manifestações; a cidade do migrante, do homem da rua e daquele que com suas mãos a constrói.

Apesar desses múltiplos sentidos dados à cidade, ela vai se impondo como um desafio a ser investigado na busca de se decifrar o que significa esse emaranhado de memórias e monumentos, tempos e espaços, enigmas e tramas de memórias diferentes, contrastadas, múltiplas, convergentes, mas também de lacunas e esquecimentos em constante movimento numa Metrópole em Transito.

Assim, discutir a “invenção da paulistaneidade” é um árduo desafio, como a própria referência à categoria invenção contempla, algumas linhas ficam aqui postas e muitas interrogação e reconstruções ainda passíveis de serem enfrentadas. Se São Paulo comemorou 450 anos saudosa da São Paulo do IV centenário, diria reinventando 1954 e daqui a 50 anos? que referências teremos da cidade de 2004? Poderão ser saudosistas?